

AS REDES DIGITAIS COMO NOVOS CONTEXTOS DE SABER

Walcéa Barreto Alves; Agatha Aparecida da Silva Santos; Karen C. Ferreira dos Reis;
Leonardo Barbosa Querzé Maia

*Universidade Federal Fluminense, walcea@yahoo.com.br, agathasantos@id.uff.br, kcfreis@gmail.com,
leoquerze@yahoo.com*

Introdução

Este trabalho consiste em resultado de análise bibliográfica da pesquisa intitulada: “Representações sociais, tecnologias digitais e o contemporâneo: investigando a escola”, realizada pelo Núcleo de Estudos Contemporâneos em Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS/UFF). O objetivo geral do projeto é investigar as redes de significação que se configuram mediante as representações sociais circulantes na escola permeadas pelos usos e conceitos relacionados à tecnologia digital no contexto contemporâneo. Consideramos de extrema relevância investigar, no contexto escolar, como tem ocorrido a relação entre os processos de ensino-aprendizagem dentro e fora deste ambiente, entendendo que os alunos vivenciam diferentes e diversificados estímulos advindos das mídias digitais, de acesso mais popularizado nos centros urbanos, em especial pelo uso dos aparelhos celulares.

Metodologia

A pesquisa está se desenvolvendo mediante trabalho de campo em uma escola da rede municipal de Niterói, mediante abordagem etnográfica (MATTOS, 2001), paralelamente à pesquisa bibliográfica e análise de dados. Neste texto, enfocaremos elementos da pesquisa e análise bibliográfica, que ocorre mediante a elaboração de mapas conceituais. A elaboração dos mapas conceituais consiste numa técnica de estudo que tem se configurado como importante instrumento metodológico de estudo e pesquisa (NOVAK e CAÑAS, 2010; OLIVEIRA e MARIA, 2014).

Resultados e discussão

Como ponto de partida, precisamos definir o que são as redes digitais no nosso cotidiano, para assim, entendermos o porquê representam um novo contexto de saber. Por rede, nós podemos compreender um meio tecnológico e amplo de interação que pode ser ativo ou passivo, através do uso de computadores. Lévy chama este de Ciberespaço, que tem como produto a Cibercultura. Para o autor, o Ciberespaço consiste em um

[...] novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo

oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo... (LÉVY, 1999, p.17).

Neste sentido, afirma que o ciberespaço não se limita apenas aos computadores, mas também depende do uso que as pessoas fazem dessa rede. Como consequência de um novo espaço de troca, surge a cibercultura, definindo-a este mesmo autor como "O conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço." (LÉVY, 1999, p.17).

Caracterizada como novo espaço de ensino-aprendizagem, a rede está cada vez mais presente no cotidiano da população, não sendo possível mantê-la fora do principal local de formação do sujeito na sociedade contemporânea, a escola. Como disserta o filósofo e pedagogo John Dewey, a educação é um processo social, é desenvolvimento. Diante desta concepção, ela não é um meio de preparação para a vida, mas ela própria. Dessa forma, mesmo que a escola não obtenha um projeto político-pedagógico que inclua as redes digitais nos processos de ensino, as mesmas já estão inclusas nas salas de aula por meio da cultura - da cibercultura. No entanto, é necessário um diálogo para que se entenda a inclusão das tecnologias na escola para além de sua instrumentalização.

É recorrente a visão de que as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) são capazes, por elas mesmas, de promover informação, comunicação, interação, colaboração e, em consequência disso, de construir novos conhecimentos. É fato o vertiginoso aumento da velocidade na transmissão de informações; é fato, também, a ampliação da possibilidade da comunicação entre diferentes países e povos do planeta; e é verdade que é possível, hoje, colocar diferentes pessoas em contato, ao mesmo tempo, rompendo barreiras geográficas e temporais. Entretanto, os modos de interação e de colaboração que serão estabelecidos entre essas pessoas, assim como o que elas vão fazer com essa possibilidade de contato, não são tão óbvios e não são pré-determinados ou mesmo controláveis; vão depender de quem está nos nós da rede que será tecida entre elas. (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p.771)

Na pesquisa de campo, em escola da rede municipal de Niterói, que está em processo, ouvimos falas como: "não pode celular na sala" ou "guarda o celular", que são frequentemente ditas pelos professores. Podemos observar também uma resistência por parte dos alunos. Tal situação nos remete à outra pesquisa que relata:

Os estudos que vimos desenvolvendo (Mamede-Neves, Costa & Pedrosa, 2007; Duarte, Migliora & Leite, 2006; Mamede-Neves, 2008) indicam que a relação de crianças e jovens com os conteúdos das mídias é sempre filtrada por juízos de valor que se constroem em função da inserção deles na sociedade. Ou seja, trata-se de uma relação mediada pela situação pessoal e pelas experiências de socialização vividas na família, escola, grupo de pares e assim por diante. Isso nos leva a crer que se trata de uma apropriação ativa, que lhes permite fazer uso produtivo dos conteúdos aos quais têm acesso." (MAMEDE-NEVES e DUARTE, 2008, p.778).

Logo, percebemos com facilidade a influência de uma nova era digital no nosso cotidiano. O conceito de cibercultura na educação precisa ser cada vez mais aprofundado em pesquisas, pois, está sempre em constante mudança e não podemos negá-lo como novo contexto de saber. Cabe aos educadores, escolas e outros espaços formativos estarem sempre se atualizando em busca de uma harmonia entre a rede e os diferentes tipos de saberes que ela proporciona, adaptando-se as realidades e as necessidades dos educandos.

Segundo Kenski (2008) a linguagem digital impõe grandes mudanças de acesso à informação, a cultura e ao entretenimento. O ambiente digital é o ambiente onde se converge as tecnologias da informação e da comunicação. Dessa convergência nasce a tecnologia digital, e por meio de tecnologias digitais é possível processar e representar qualquer tipo de informação, pois nos ambientes digitais se reúnem elementos da computação, as comunicações e diversos tipos de formas e suportes para conteúdos, como livros, fotos, filmes, música, textos. Essa possibilidade de convergência entre as diversas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais na constituição de conhecimentos, valores e atitudes, criando assim uma nova cultura e uma nova realidade informacional.

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. [...] O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. (KENSKI, 2008, p.21)

A possibilidade de conexão entre inteligências de pessoas é uma das maiores potencialidades ocorrentes no âmbito do ciberespaço. A interação entre indivíduos de diferentes localidades geográficas e de diferentes culturas agrega novas oportunidades de aprendizagem e produção de conhecimento, que antes não eram possíveis de serem viabilizadas, pois o conhecimento era produzido de forma individual. As novas tecnologias de informação e comunicação permitem, de forma mais simplificada e ágil, a busca contínua por informações, multiplicando as possibilidades de contato e acesso com diferentes tipos de conhecimentos, traçando uma nova forma de construção do saber por meio de trocas dentro das redes digitais e conseqüentemente, traçando também um novo perfil social.

Considerações finais

A expansão e o alcance das redes digitais configuram grandes impactos na sociedade. As formas de trabalho, os processos de produção de conhecimento, as interações e as construções simbólicas têm se modificado de maneira significativa. As redes imergem nas relações sociais e educacionais, abrindo espaço para o

compartilhamento de diversas informações, culturas, conhecimentos, ideologias etc. Consequentemente, isso gera a troca de saberes de forma mais ligeira, pontuando-se, entretanto, que há possibilidades e limitações no tocante aos pontos positivos e negativos que emergem da multiplicidade de perfis e identidades dos sujeitos que participam desse contexto de forma mais ativa ou passiva, mais crítica ou heterônoma.

Considerando este panorama, apontamos as redes digitais como um meio de possibilidades estabelecido a partir dos elementos virtuais e das relações entre os indivíduos usuários. No ciberespaço, através dos meios (computadores, celulares e afins) temos interfaces que partilham saberes, construindo e produzindo conhecimentos que por sua vez, de forma indireta ou direta, afetam a cultura, a sociedade, a escola. "Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como `novas tecnologias` recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos (...)"(LÉVY, 1999, p.23). E é neste sentido, que as redes digitais se configuram como novos contextos de saber, que se espraiam no contexto educativo das escolas, locus para onde se volta nosso olhar reflexivo e investigativo.

Referências

- KENSKI, V.M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 3a.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.
- LÉVY, P.. Pierre Lévy: a revolução digital só está no começo. Entrevista - Fronteiras do Pensamento. Caderno de Sábado. **Correio do Povo**. 2015. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-esta-no-comeco>>. Acesso em 29 de Maio de 2018.
- MAMEDE-NEVES, M.A.C. e DUARTE, R. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 769-789, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista Espaço (INES)**, n. 16, p. 42-59, jul.-dez. 2001.
- NOVAK, J. D.; CAÑAS, A. J. A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 9-29. 2010. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/1298>>. Acesso ago/2016.
- OLIVEIRA, R.M.F; MARIA, M.A.O.C. O uso do mapa conceitual nas pesquisas do Núcleo de Etnografia em Educação (NETEDU). **Anais II Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande, PB: Editoria Realize, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA4_ID6756_02102015133231.pdf> Acesso em ago/2016.
- SANTOS, V. L. C. e SANTOS, J.E. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **HOLOS**, ANO 30, Vol. 6. RN: IFRN, 2014. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/1936/pdf_144>. Acesso em 29 de Maio de 2018.